

INVESTIGANDO REPRESENTAÇÕES SOBRE A LÍNGUA INGLESA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Pauliana Duarte Oliveira¹
Laura Calaça da Silva²
Márcia Teixeira de Paula³
Suzy Mara Gomes⁴

Resumo

Neste trabalho relatamos uma pesquisa cujo objetivo foi identificar as representações sobre a língua inglesa dos alunos dos Cursos Técnicos de Edificações e de Eletrotécnica Integrados ao Ensino Médio do Instituto Federal de Goiás – Campus Jataí. Para isso, utilizamos como referências teóricas conceitos advindos da teoria da Análise do Discurso francesa tais como discurso, pré-construído, interdiscurso e representação. Com base nesse referencial teórico, entendemos que a representação se constitui a partir de discursos recorrentes acerca de algo. Sendo assim, nossa pesquisa possui natureza qualitativa e, para identificar as representações dos estudantes, optamos pelo tipo de entrevista semiestruturada. Os estudantes participaram da pesquisa de forma voluntária. Inicialmente, aplicamos um questionário-piloto com quatro alunos para que pudéssemos verificar se o questionário elaborado estava adequado aos objetivos da pesquisa. Desse modo, decidimos manter o questionário e, posteriormente, foram realizadas quinze entrevistas com alunos dos primeiros e segundos anos dos Cursos Técnicos em Edificações e em Eletrotécnica. Os estudantes participantes da pesquisa enunciaram sobre o ensino de língua inglesa nos cursos que frequentam no IFG-Campus Jataí e também sobre suas expectativas a respeito da língua inglesa no ensino técnico. De modo geral, os alunos esperam que a língua inglesa possa ou, pelo menos, deveria contribuir para ajudá-los nas disciplinas técnicas das áreas de Edificações e de Eletrotécnica; acreditam que o inglês pode auxiliá-los em possíveis viagens ao exterior ou em situações em que tiverem necessidade de conversar com estrangeiros. Além disso, muitos alunos também acreditam que para aprender inglês teriam que frequentar um curso de idiomas.

Palavras-chave: Inglês, representações, alunos, ensino, técnico.

INTRODUÇÃO

Neste artigo descrevemos uma pesquisa realizada com alunos dos cursos técnicos de Edificações e de Eletrotécnica integrados ao Ensino Médio em tempo integral do Campus

¹ Coordenadora do projeto de pesquisa, Instituto Federal de Educação de Goiás - Campus Itumbiara, pauliana.oliveira@ifg.edu.br.

² Bolsista PIBIC, Instituto Federal de Educação de Goiás - Campus Jataí, laurasilvalg@hotmail.com.

³ Colaboradora do projeto de pesquisa, Instituto Federal de Educação de Goiás - Campus Jataí, marciatpp12@gmail.com.

⁴ Colaboradora do projeto de pesquisa, Instituto Federal de Educação de Goiás - Campus Goiânia Oeste, suzymg@gmail.com.

Jataí. O projeto teve como objetivo geral identificar as representações sobre a língua inglesa dos alunos do ensino médio técnico integrado no Campus Jataí.

De acordo com *Documento Base da Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio* (2007):

A ideia de formação integrada sugere superar o ser humano dividido historicamente pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar. Trata-se de superar a redução da preparação para o trabalho ao seu aspecto operacional, simplificado, escoimado dos conhecimentos que estão na sua gênese científico-tecnológica e na sua apropriação histórico-social. Como formação humana, o que se busca é garantir ao adolescente, ao jovem e ao adulto trabalhador o direito a uma formação completa para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política. (Documento Base da Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio, 2007, p. 41).

Considerando essa proposta de formação integrada, verificamos a necessidade de discutir acerca do ensino de língua inglesa no contexto de educação profissional. Entendemos que esse ensino constitui um desafio devido às suas características de preparar o aluno conforme a educação básica de nível médio e também preparar para o exercício profissional e ao professor demanda reflexões, ações e busca soluções urgentes especialmente diante da acelerada expansão do ensino técnico e tecnológico que ocorre no Brasil atualmente.

Segundo Almeida Filho (2008), o ensino de línguas em contexto de formação tecnológica possui especificidades que precisam ser conhecidas e atendidas. Tais especificidades existem devido ao fato de tratar-se de uma modalidade de ensino nova. Logo, muitas delas ainda não são bem compreendidas e, em alguns casos, nem conhecidas pelos professores acostumados com outros contextos de ensino.

No curso técnico integrado, as aulas de inglês são ministradas em um encontro semanal que corresponde a duas horas/aula e perfazem uma carga horária anual de 54 horas/aula. A disciplina Língua Inglesa é oferecida durante dois anos do curso, no primeiro e no segundo ano, totalizando 108 horas/aula. O contato com os alunos durante as aulas não é suficiente para fornecer ao professor o conhecimento e a compreensão de suas expectativas sobre a língua estudada bem como as necessidades específicas com relação ao inglês que a área do curso demanda. Assim, propomos realizar um estudo sobre as representações acerca da língua inglesa.

Logo, essa pesquisa justifica-se pela necessidade de conhecimento e compreensão das representações sobre o ensino de língua inglesa visando: a) atender às especificidades do

ensino de inglês nas áreas dos cursos técnicos integrados de nosso campus; b) contribuir para a promoção de um ensino de língua inglesa dentro de uma visão crítica da língua.

A pesquisa realizada foi conduzida paralelamente às aulas de língua inglesa nos cursos técnicos integrados ao ensino médio no Campus Jataí.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nosso trabalho fundamenta-se teoricamente na Análise do Discurso francesa de orientação pecheutiana. Dentro desse arcabouço teórico, trabalhamos com a noção de discurso como efeito de sentido entre interlocutores, pois, na materialidade discursiva, isto é, naquilo que o sujeito enuncia, é possível perceber os efeitos que tal enunciação produz e também os sentidos que podem ser apreendidos. Essa noção é fruto da teorização de Michel Pêcheux a respeito do discurso e corresponde ao seu trabalho desenvolvido na chamada segunda época da Análise do Discurso francesa. Nessa época, o conceito de discurso começou a expandir-se e Pêcheux também elaborou o conceito de interdiscurso.

O interdiscurso refere-se à presença de diferentes discursos no interior de um dado discurso e caracteriza-se, então, pela presença de elementos oriundos do espaço social e de diferentes momentos da história em sua constituição. No dizer de Orlandi, o interdiscurso pode ser considerado como “todo o conjunto de formulações feitas já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2003, p. 33). Portanto, o interdiscurso trabalha com a (re) significação do sujeito sobre o que já foi dito, sobre o repetível.

Segundo Pêcheux (1995), o interdiscurso compreende o pré-construído e o discurso transverso. O autor afirma que os elementos do interdiscurso, que são o *pré-construído* e as *articulações*, são re-inscritos no dizer do sujeito. Sobre o pré-construído e as articulações, Pêcheux explica que:

o ‘pré-construído’ corresponde ao ‘sempre-já-aí’ da interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma da universalidade (o ‘mundo das coisas’), ao passo que a ‘articulação’ constitui o sujeito em sua relação com o sentido (PÊCHEUX 1995, p. 164, grifo do autor).

Tendo esses pressupostos, consideramos que as representações caracterizam-se como discursos recorrentes acerca de algo. Conforme Maldidier; Normand e Robin (1997), a representação se constrói a partir de um pré-construído e o pré-construído por sua vez, corresponde àquilo que, segundo Pêcheux (1995), ‘todo mundo sabe’.

Especialmente com o advento da modernidade, são atribuídos status ao inglês como, por exemplo, de língua para comunicação, língua da globalização, língua da tecnologia, língua mais falada no mundo entre outros. Desse modo, a língua inglesa foi alçada ao posto de língua de grande importância para se alcançar o sucesso profissional. Observa-se, então, um pré-construído de que a língua inglesa é uma ferramenta para se alcançar determinados fins. Esse pré-construído pode ser identificado no dizer dos participantes da pesquisa quando estes enunciam, por exemplo, a respeito do desejo de falar inglês porque podem necessitar conhecer o idioma em uma viagem ao exterior ou no caso de ter que se comunicar com estrangeiros.

É relevante observar que, de modo geral, a literatura de nossa área apresenta trabalhos sobre representações acerca do inglês como, por exemplo, Grigoletto (2003) investigou representações de alunos de Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas; Andrade (2008) investigou representações de professores em formação; e Freitas (2009) investigou representações de alunos de Ensino Fundamental. Tais trabalhos contribuem para nossa reflexão, porém, não contemplam as representações acerca do inglês no contexto da educação profissional.

Esse fato também contribui para a necessidade de conhecimento e análise das representações dos discentes da educação profissional sobre o inglês. Além dos objetivos específicos, já citados neste trabalho, cremos que, como finalidade última, nossa reflexão possibilitará traçarmos diretrizes para o ensino de língua inglesa no contexto do nosso campo de atuação visando contribuir para a comunidade do Instituto Federal de Goiás, doravante IFG, e também para a região em que o campus está inserido, visto que a língua inglesa integra o rol de disciplinas que compõem o currículo de formação básica dos futuros profissionais que atuarão no mercado de trabalho local.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa de cunho interpretativista. De acordo com Gomes (2009), considera-se que é o encontro dialógico onde deve se considerar a unidade de cada sujeito assim como o que resulta da interação destes. Além disso, Gomes complementa: “Na pesquisa interpretativista a produção do conhecimento é feita via linguagem e a linguagem é também seu objeto de estudo para interpretar a subjetividade do fenômeno.” (GOMES, 2009, p. 12). A metodologia utilizada consistiu em entrevistas do tipo semiestruturada. De acordo com Oliveira (2006), a escolha por esse tipo de entrevista deve-se às suas características: a

entrevista é constituída por questões abertas e segue um roteiro prévio, mas que permite flexibilidade. Seguindo o mesmo raciocínio, Abrahão informa que:

Neste tipo de instrumento, o pesquisador prepara algumas direções gerais que orientarão o seu trabalho. Essas questões ou direções gerais são, então, utilizadas sem que se siga uma ordem fixa, o que permite a emergência de temas e tópicos não previstos pelo entrevistador. É um instrumento que melhor se adéqua ao paradigma qualitativo por permitir interações ricas e respostas pessoais. Este tipo de entrevista tem a vantagem de permitir que as perspectivas dos entrevistadores e entrevistados componham a agenda da investigação. (Burns, 1999) (ABRAHÃO, 2006, p. 223)

Tais características são bastante adequadas aos objetivos do estudo realizado porque permitiu às pesquisadoras elaborar um roteiro das questões que deviam ser investigadas; os participantes puderam enunciar de forma livre sobre o tema, isso permitiu a emergência de suas representações; outras perguntas foram acrescentadas de acordo com a interação entre pesquisa.

O suporte teórico da pesquisa é a Análise do Discurso francesa. De acordo com essa teoria, o material de análise é chamado de *corpus*. Um *corpus* é construído a partir de uma questão. No caso da pesquisa relatada neste artigo, a questão é: quais são as representações sobre o inglês dos alunos dos cursos técnicos integrados de nosso campus? Essa questão e os princípios da teoria da Análise do Discurso francesa direcionam a escolha dos recortes, isto é, os excertos das entrevistas que foram analisados.

Inicialmente, seguindo a sugestão de uma professora colaboradora, foi aplicado um questionário piloto objetivando fazer uma sondagem para verificar se o roteiro de entrevista elaborado estava adequado aos objetivos da pesquisa. O piloto não foi previsto no projeto da pesquisa, porém, mostrou-se bastante necessário para que pudéssemos direcionar o trabalho corretamente.

Dessa forma, no mês de setembro de 2014, com a ajuda de uma professora colaboradora, o projeto foi apresentado às quatro turmas de língua inglesa do Campus Jataí (primeiros e segundos anos). Alguns alunos, de forma voluntária, se dispuseram a ser entrevistados. Assim, a coordenadora entrevistou quatro estudantes (três alunos e uma aluna) nas dependências do campus. Tais alunos foram identificados com o código A: aluna e O: aluno e a cada um foi atribuído um número: A1 para a aluna e O1, O2, e O3 para os alunos. As entrevistas foram gravadas no notebook da coordenadora, utilizando o recurso *gravador de som*. Foram elaboradas duas perguntas: a) *No que se refere ao ensino médio técnico integrado, em sua opinião, o que se espera do ensino de língua inglesa?* e b) *O ensino de língua inglesa no IFG contempla as necessidades específicas relacionadas à parte técnica do*

seu curso ou auxilia na aquisição dos saberes técnicos? Essas duas perguntas direcionaram as entrevistas, porém, no decorrer das mesmas, geralmente, outras perguntas eram acrescentadas seguindo a metodologia da entrevista semiestruturada.

Após a realização das entrevistas, a coordenadora e a estudante fizeram a transcrição. Ao término dessa etapa, a coordenadora e uma professora colaboradora fizeram uma análise de caráter superficial das entrevistas, isto é, não foi realizada uma análise mais aprofundada das entrevistas, isso porque, tal análise destinava-se à verificação da validade do questionário e também para a escolha de recortes discursivos que seriam utilizados em uma apresentação em um evento científico. Dessa forma, foram escolhidos alguns recortes discursivos para figurar no pôster que foi apresentado em um fórum. Durante a apresentação do trabalho no fórum, recebemos algumas sugestões para o desenvolvimento da pesquisa. Uma dessas sugestões foi bastante relevante: considerar a questão do gênero textual no ensino de inglês no contexto da educação profissional. Entendemos que isso deve ser levado em conta quando as professoras forem considerar os resultados desta pesquisa para discutir sobre o ensino de língua inglesa nos cursos técnicos integrados e elaborar um planejamento de acordo com as especificidades desse ensino.

O objetivo da aplicação do questionário-piloto foi o de verificar se as questões da entrevista eram adequadas para os objetivos da pesquisa, isto é, se elas possibilitariam aos alunos enunciar de modo que respondessem às perguntas da pesquisa. A análise das transcrições das entrevistas-piloto permitiu às pesquisadoras concluir que o questionário poderia ser mantido. Sendo assim, foram mantidas as mesmas duas perguntas para a realização das entrevistas que comporiam o *corpus* da pesquisa.

No mês de dezembro de 2014, a pesquisadora com a ajuda de uma das professoras colaboradoras, realizou as entrevistas com os alunos de primeiro e segundo anos dos cursos Técnico em Edificações e Técnico em Eletrotécnica integrados ao Ensino Médio em tempo integral. No total, foram entrevistados quinze estudantes, nove alunas e seis alunos que participaram da pesquisa voluntariamente. As entrevistas também foram realizadas nas dependências do Campus Jataí e gravadas no notebook através do recurso gravador de som.

Ao terminar as entrevistas, o material gravado foi transcrito pela estudante. A estudante utilizou o seguinte código para as transcrições:

E: entrevistador (a);

IFG: Instituto Federal de Goiás – Campus Jataí;

(P): pausa longa;

(p p): pausa curta;

O: aluno;

A: aluna;

(formação de ideias): a pessoa está ainda pensando no que falar;

(intranscritível): não é possível entendimento para a transcrição.

Ressaltamos que ao elaborar o código para as transcrições, também foi atribuído aos alunos o mesmo código utilizado no questionário-piloto para identificar os participantes e, dessa forma, eliminar qualquer tipo de identificação dos mesmos. Sendo assim, *A* serve para identificar as alunas e *O* para identificar os alunos. Além disso, para cada participante foi atribuído uma letra e um número, por exemplo, *A1* (a participante é a primeira aluna entrevistada), *A2* (corresponde à segunda aluna entrevistada) e assim por diante.

Com as transcrições em mãos, pôde-se finalmente proceder à análise das entrevistas. A análise foi realizada considerando o conceito de representação e a teoria da Análise do Discurso francesa.

REPRESENTAÇÕES IDENTIFICADAS NAS ENTREVISTAS

Conforme dito anteriormente, a entrevista consistiu de duas perguntas. Em algumas entrevistas, a entrevistadora incluiu outras perguntas visando obter respostas mais precisas para as questões da entrevista. No total, foram realizadas dezenove entrevistas, sendo quatro delas realizadas na fase do questionário piloto e as outras quinze realizadas após a aplicação do piloto. Tanto na fase do questionário piloto quanto na segunda fase das entrevistas, as respostas dos alunos foram semelhantes. Como a fase do questionário piloto foi realizada apenas em caráter de sondagem, para a análise e discussão dos resultados vamos descartar as entrevistas do questionário piloto e considerar as quinze entrevistas realizadas após sua aplicação.

De modo geral, as respostas dos alunos para as questões da entrevista abordaram temas como: a parte técnica dos cursos técnicos integrados, isto é, as disciplinas específicas das áreas de Eletrotécnica e Edificações; viagens para o exterior e/ou o contato com estrangeiros, tradução, a comunicação em Inglês utilizando o recurso da fala; cursos de Inglês em escolas de idiomas; e comentários a respeito do ensino de Inglês de modo geral como, por exemplo, a necessidade ou não do ensino explorar aspectos como vocabulário, leitura, interpretação de texto ou gramática; utilizar mais a língua inglesa em sala de aula; aumentar o nível de dificuldade, isto é, “puxar” mais na disciplina Língua Inglesa; preparar os alunos para o Enem; evitar o uso de dicionário entre outros.

Consideramos que representações caracterizam-se como discursos recorrentes acerca de algo. Conforme Maldidier; Normand e Robin (1997), a representação se constrói a partir de um pré-construído e o pré-construído por sua vez, corresponde àquilo que “todo mundo sabe” (PÊCHEUX, 1995, p. 160). Desse modo, levando-se em conta esse conceito e também o objetivo de nossa pesquisa que é identificar as representações sobre a língua inglesa dos alunos do ensino técnico, vejamos os recortes de entrevistas. Como já dito neste artigo, durante a análise das entrevistas, observamos que alguns temas eram recorrentes tais como a questão das disciplinas técnicas dos cursos, as viagens para o exterior, os cursos de idiomas entre outros. Por esse motivo, agrupamos os recortes discursivos de acordo com as representações sobre a língua inglesa que eles apresentam.

a) O inglês e as disciplinas técnicas dos cursos de Edificações e Eletrotécnica

A1: “(p p) Acho que devia **focar mais assim, na parte técnica para que a gente tenha suporte para, por exemplo, (p p), saber entender e (p), interpretar um manual** que é isso que a gente vai encontrar quando a gente for pro ensino superior até porque (p p) a gente não tem LI no ensino superior.”

A1: “**São manuais que (p p) muitos equipamentos contam com os manuais e a maior parte é em inglês (p).**”

A6: “Assim, tradicional acho que não, mas assim também **não só trabalhar com termos técnicos, por exemplo, usado, mas também englobar um pouco de tudo** sabe? Também **trabalhar um pouco da parte que (formação de ideias) que entra a engenharia, as edificações**, acho que tinha que englobar um pouco, também, acho que era bom (p).”

O5: “**A gente da Eletrotécnica usamos um programa que chama (intranscritível) e ele tá todo em inglês(P).** E: Uhum(P) O5: então ele pode ajudar bastante a gente(P) E: Qual é o nome? O5: “Multsim” (P). E: “Multsim”? (P) O5: Sim, **ele pode ajudar bastante a gente nesses casos.** (P) E: Esse “multsim” é o que? um programa? O5: Sim, é um programa de computador. (P) E: Esse “multsim” é o que vem de mult sinais? O5: É um simulador de circuitos. (P) E: Ah, tá. E aí, ele é em inglês? O5: **Sim, ele é todo em inglês.** (P) E: Uhum. Te ajudaria... no caso seria a leitura, no caso da possibilidade desse programa, você precisaria de leitura, compreender o que ele tá pedindo ali? O5: Sim, o que o programa diz.”

O6: “**Bom, no caso de edificações eu acho que vocês tinham que voltar um pouco principalmente para o “autocad” porque o “autocad” é em inglês(P)** E: Uhum(P) O6: E os professores ensinam no inglês, já existe o “autocad” na versão portuguesa, **mas o que é usado aqui no IFG, por exemplo, é o inglês (P)** E: Uhum(P) O6: Então, tem muita coisa que tem no “autocad” que a gente não sabe, mas tem bastante coisa que a gente sabe (P) E: Aham, então tinha que ser mais voltado para área da parte

técnica? O6: Uhum (P) E: De vocês (P) O6: Uhum que nosso caso seria o “autocad” que é o que a gente usa que é em inglês (P).”

b) Viagem para o exterior

A1: “Então, se não for por fora (p p) segundo, primeiro, segundo ano, é a todo suporte que a gente vai ter(p). Então, acho que seria importante isso. (p p) E trabalhar principalmente assim (p p) o curso de (não foi possível transcrição) para que (p p) numa viagem a gente saiba pelo menos, não falar, mas pelo menos interpretar, saber o que tá falando (p p) então acho que isso.”

A5: “Assim, hoje em dia a LI é muito utilizada, tanto aqui no nosso país mesmo, tanto nos países de fora, e quem vai estudar assim, fora, o importante é a LI, para as pessoas se comunicarem com as pessoas de outros países. Aqui é importante ter no seu currículo, é tipo meio que, dá mais como que fala é? (formação de ideias) é tipo importante, um ponto a mais também, tipo assim, hoje em dia assim, hoje em dia também os computadores, nos jogos, no celular, também na internet, no mundo virtual, tem a gente também que utiliza várias línguas e expressões em inglês também, a gente pode utilizar. Então, isso é muito importante porque se você quer fazer um passeio e quer conhecer é Paris, Inglaterra é bom porque você vai poder se comunicar também como...”

c) Aprender inglês para traduzir

O3: “Então, eu não sei muito bem sobre a Eletrotécnica, mas eu vou falar um pouco é (formação de ideias) o que eu acho sobre isso é, eu acho que a LI na Eletrotécnica em si eu acho que ela faz, como eu posso falar? Eu acho ela muito importante porque, porque geralmente todas essas matérias técnicas Agrimensura, Informática, Eletrotécnica e essas coisas, é questão mais assim tem essas coisas melhores nos Estados Unidos, então geralmente livros, essas coisas de ensino maior ele vem em inglês, demora um pouco pra poder traduzir e acaba que se você precisa daquilo pra ontem, você tem que saber um pouco do inglês pelo menos pra tentar traduzir aquilo ali pra você (P P) E: Uhum (P). O3: Conseguir é (p p) entender melhor aquela matéria porque chega mais pra frente, agora Eletrotécnica pelo menos não faz tanto, algumas coisas básicas que passam coisas básicas, a gente ainda consegue traduzir o inglês agora acaba que você chega mais pra frente que você já precisa de pegar algoritmo (intranscritível) que aí já são partes do seu inglês que são essas coisas assim mais teóricas, mas que na prática, o inglês mesmo, que você necessita mais (P).”

A3: “E mais traduções de palavras sabe? Mas não tradução direta, tipo assim, estimular mais o inglês (p). E: Aham (p). A3: Tipo assim, o inglês é ótimo principalmente no ensino técnico pra ficar com a cabeça cheia(p)”

A3: “Aí, tipo o texto às vezes era meio bom trabalhar a interpretação do texto, não ensinando a pessoa a traduzir, porque traduzir traduzindo é um erro (p p)”

d) Aprender a falar em inglês

A4: “Ah, eu espero que o inglês seja mais aprofundado assim na questão de saber interpretar bem, falar assim um pouco mais fluente (?).”

A5: “É, como Engenheira Elétrica, se eu puder fazer algum serviço ou se eu tiver algum cliente estrangeiro como eu vou poder me comunicar com ele? Para mim é tipo comunicação mesmo, também abrir, expandir mais nosso conhecimento, tipo você vai estudar e vai fazer tipo uma prova, aí você vai escolher entre o inglês e o espanhol, aí você vai se dar melhor no inglês, aí quando você for fazer a prova vai ter mais conhecimento.”

A6: “Assim, não sei se é porque eu tenho mais facilidade em ler, ou melhor, muita dificuldade em falar, então acho que isso. E: Então focar mais na fala? A6: Uhum.”

A7: “Ah, eu acho que tem que ser não muito diferente do convencional, mas assim, voltado mais para o diálogo para a gente poder, se um dia tiver, sei lá, trabalhando a gente consiga também ajudar um pouco sim, mas ligado a conversa eu acho. E: Conversação? A7: É.”

A8: “De entender, de escutar até que não assim, mas falar sabe? Tenho muita dificuldade em falar inglês.”

A9: “Mas não consegue sair falando fluentemente (p p).”

e) Para aprender inglês é preciso frequentar um curso particular

A4: “Ah, eu espero que o inglês seja mais aprofundado assim na questão de saber interpretar bem, falar assim um pouco mais fluente, eu também não faço curso, então eu penso nisso (p p).”

O2: “E: Você tem dificuldade para aprender? O2: **Eu tenho dificuldade para aprender inglês, aí pra (formação de ideias) muitos assim que não têm dificuldade é porque já fez cursinho (p) (P) O2: Pra mim foi difícil, mas quando eu terminar o técnico eu tenho tempo, quando eu terminar eu vou fazer cursinho (P).**”

O5: “**Eu não tenho dificuldade em relação ao inglês porque, eu faço além daqui o curso fora do instituto né?! Mas assim é, eu acho que sim, uma forma ou de outra o inglês te ajuda na hora do laboratório.**”

CONCLUSÃO

Pudemos verificar que, de modo geral, os alunos veem a língua estrangeira não como um bem cultural, ou como uma forma de ampliar conhecimentos, ampliar a visão de mundo,

ter acesso a bens culturais como à literatura, ao cinema, à música de outros países. Praticamente, todos os alunos entrevistados entendem que estudar língua inglesa serve para adquirir um conhecimento que vai lhes possibilitar acesso a coisas “práticas”, tais como saber compreender as instruções dos programas utilizados nos cursos, comunicar com estrangeiros e visita ao Brasil ou no exterior, ter um bom desempenho no Enem, traduzir textos técnicos e termos encontrados nos programas utilizados nos cursos. Com isso, verificamos que os alunos se inserem em discursos que são veiculados na mídia e que também parecem estar cristalizados no imaginário social.

Nesse sentido, destacamos como exemplo a representação de que os locais em que se aprende inglês são os cursos de idiomas. Esse discurso tem origem especialmente no discurso publicitário. As redes de escolas de idiomas investem bastante em propaganda utilizando-se de recursos como a TV, a Internet, as redes sociais, cartazes, outdoors, promoções. As escolas de idiomas têm metodologias variadas de ensino, muitos recursos e professores capacitados, porém isso por si só não é suficiente para que o aluno seja bem sucedido na aprendizagem. Para fundamentar nossa afirmação, compartilhamos da ideia de Revuz (1998) e de Serrani-Infante (1997). Essas autoras explicam que a aprendizagem de língua estrangeira também depende de fatores como subjetividade e identificação com a língua. Sendo assim, estudar em escolas de idiomas não garante a aprendizagem, bem como, não significa que o aluno que não tenha acesso a esse ensino, não possa ter sucesso na aprendizagem em outros contextos de aprendizagem, como por exemplo, a escola de Educação Básica.

Um aspecto da pesquisa que chamou nossa atenção foi a diversidade em relação às expectativas dos alunos. Isso aponta para um ponto que merece atenção: no ensino técnico integrado, as salas de aula são bem heterogêneas e o nível de conhecimento dos alunos sobre Inglês é bastante variado. Há alunos que se consideram com dificuldade na aprendizagem de língua estrangeira, enquanto outros enunciam ter mais facilidade na aprendizagem. A quantidade de tempo em contato com a língua também varia bastante, isto é, por um lado, há alunos cujo contato com o Inglês teve início no Ensino Fundamental e continua no Ensino Médio e, por outro, há alunos que além do contato com o idioma na escola também estudaram ou ainda estudam Inglês em escolas de idiomas. Esses fatores fazem das salas de aulas dos cursos técnicos contextos de ensino de inglês bem heterogêneos e tornam o desafio de ensinar o idioma nesta modalidade de ensino ainda mais complexo.

Concluimos que o levantamento das representações e também o conteúdo das entrevistas constituem um rico material para os professores de língua inglesa que atuam no ensino básico, técnico e tecnológico. A partir desse material será possível realizar reflexões,

discussões, elaborar um planejamento de aulas que atenda às necessidades e aos anseios dos alunos dos cursos técnicos. Cremos que essa pesquisa pode ser o início de um ciclo de pesquisas sobre o ensino de língua estrangeira na Educação, Básica, Técnica e Tecnológica que deve ser expandido para a realização de um ensino de língua estrangeira que tenha a identidade do público que atendemos.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M. H. V. Metodologia na investigação das crenças. In: BARCELOS, A. M. F. (Orgs.). **Crenças e ensino de línguas** - foco no professor, no aluno e na formação de professores. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- ALMEIDA FILHO, A. C. P. Aprendizagem e ensino de línguas em contextos tecnológicos. **REVERTE- Revista de Estudos e Reflexões Tecnológicas da Faculdade de Tecnologia de Indaiatuba**, n. 6, 2008. Disponível em: http://www.fatecindaiatuba.edu.br/reverte_online?6Edição/Artigo15.pdf. Acesso em: 16/07/12.
- ANDRADE, E. R. de. **Entre o desejo e a necessidade de aprender línguas**: a construção das representações de língua e de aprendizagem do aluno-professor de língua inglesa. 2008. Tese de doutorado (Doutorado em Linguística Aplicada), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, 2008.
- FREITAS, V. A. B. Aspectos da subjetividade brasileira no contato/confronto com uma língua estrangeira. In: BERTOLDO, E. S. (Org.). **Ensino e aprendizagem de línguas e a formação do professor**: perspectivas discursivas. São Carlos: Claraluz, 2009.
- GOMES, S. M. **As reflexões de uma professora de língua inglesa sobre as percepções do outro com relação a como tra (tar) balhar o erro no ensino de línguas**. 2009. 197 f. Dissertação de mestrado - (Mestrado em Linguística Aplicada). PGLA, Universidade de Brasília, 2009.
- GRIGOLETTO, M. Representação e identidade do (a) professor (a) de língua estrangeira. In: CORACINI, M. J. (Org.). **Identidade & discurso**: (des) construindo subjetividades. Campinas: Editora da UNICAMP; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.
- MALDIDIER, D.; NORMAND, C.; ROBIN, R. Discurso e ideologia: bases para uma pesquisa. In: ORLANDI, E. (Org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1997. p. 67-102.
- ORLANDI, E. P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi (et. Al.), 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995. (Coleção Repertórios).

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. Tradução: Silvana Serrani-Infante. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.

SERRANI-INFANTE, S. Formações discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas. **Delta**. São Paulo: vol. 13, n. 1, fev. 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501997000100004&script=sci_arttext. Acesso em: 20/01/05.